

Lopes: afinado com Real, muito antes do Plano

Proposta de estabilização vem dos anos 80

● Há tanto tempo no Governo quanto o presidente da República, Francisco Lopes é certamente um dos economistas mais afinados com o ideário do Plano Real. Ocupante da Diretoria de Política Econômica do BC, desde janeiro de 1995, acumulada com a de Política Monetária a partir de março de 96, Lopes tinha idealizado no fim da década de 80 proposta de criação de uma moeda — o real — nos moldes da estabilização que seria consagrada no Governo Itamar Franco, em julho de 94. A experiência de mentor dos planos Cruzado, em 86, e Bresser, em 87, fez Lopes se tornar interlocutor dos principais formuladores do Real, como Pêrsio Arida, Pedro Malan e Edmar Bacha.

Especialista em cenários econômicos, o ex-diretor da consultoria Macrométrica é um estudioso da hiperinflação, formado em economia pela UFRJ, com mestrado na FGV-Rio, onde foi aluno de Mário Henrique Simonsen, e doutorado em Harvard. Mineiro de Belo Horizonte, com 53 anos, é filho de Lucas Lopes, ministro da Fazenda de Juscelino Kubitschek. Fundador do Departamento de Economia da PUC-RJ, Lopes integra o grupo que supriu o Governo FH com Pedro Malan, Gustavo Franco, Demóstenes Madureira de Pinho Neto e Sérgio Besserman, diretor do BNDES.

Na diretoria do BC, Lopes pôs à prova suas teses, desafiadas pela continuidade do déficit público e pela crise financeira mundial. Para enfrentar a turbulência asiática, dobrou as taxas de juros em outubro de 97: "A crise está vindo em ondas. Furamos a primeira e vamos furar a segunda com tranqüilidade", dizia, confiante em reservas de mais de US\$ 60 bilhões. Em março do mesmo ano, Lopes tinha admitido que a dependência do capital externo era um risco calculado: "Se houver grave crise externa, que interrompa o fluxo, a coisa se complica". Ultimamente, o desafio era estender o perfil da dívida pública e manter a confiança dos investidores nos títulos do Governo. No entanto, não perdia de vista um princípio básico: "Se o Brasil não fizer o ajuste fiscal, a inflação vai voltar. E a volta da inflação, depois da estabilidade, será muito traumática".